

O MODELO CONSTRUTIVISTA COMO REPRESENTATIVO DA TRADIÇÃO DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

THE CONSTRUCTIVIST MODEL AS REPRESENTATIVE OF THE TRADITION OF RESEARCH IN SOCIAL SCIENCES

JOÃO MANOEL RORATTO*

RESUMO

Neste trabalho, discutem-se aspectos relacionados ao modelo construtivista como representativo da tradição de pesquisa nas ciências sociais ao estabelecer os fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos de importância para a pesquisa qualitativa. O trabalho também mostra que os requisitos da linguagem utilizados nos artigos científicos e nos relatórios de pesquisa não são aspectos meramente formais da linguagem comunicativa, pois nele estão implícitos os fundamentos de cada tradição, entendidas por meio de diferentes paradigmas que caracterizam as experiências acumuladas. Ao utilizar na pesquisa qualitativa pontos específicos de cada um desses paradigmas, pode-se dizer que eles começam a se mesclar, como se um modelo estivesse fornecendo informações ao outro, pois o que está em jogo não é uma disputa intelectual, mas a finalidade da pesquisa nas ciências sociais, indicada por seu sentido axiológico e ético. É o que acontece com o Estudo de Caso, visto de forma diferente em cada tradição, mas de utilidade para a realização de pesquisas em educação.

Palavras-chave: Construtivismo; Linguagem; Método; Estudo de caso.

ABSTRACT

This paper discusses aspects related to the constructivist model as representative of the tradition of research in the social sciences to establish the ontological, epistemological and methodological importance for qualitative research. The work also aims to show that the requirements of the language being used in scientific articles and research reports are not purely formal aspects of communicative language, because it implied the foundation of each tradition, defined by different paradigms that characterize the experiences accumulated. By using the qualitative research of specific points of each of these paradigms, one can say that they begin to merge as a model was supplying information to the other, because what is at stake is not an intellectual dispute, but the purpose of research in social sciences, nominated for her support and a sense of ethics. This is the case with the Case Study, viewed differently in each tradition, but useful for the conduct of research in education.

Keywords: Constructivism; Language; Method; Case study.

* Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília; Doutorando em Educação na Universidade Católica de Brasília; Professor do Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria.

INTRODUÇÃO

Na realização de pesquisas, para muitos pesquisadores profissionais, as escolhas do método, das técnicas e dos instrumentos de pesquisa já estão implícitas e incorporadas ao seu modo de vida, por fatores que vão desde o trabalho rotineiro considerado eficiente pelos anos, a fatores metodológicos necessariamente já definidos muitas vezes pelas condições políticas, ideológicas, técnicas ou científicas, com as quais se vinculam os pesquisadores.

Um pesquisador das ciências naturais geralmente se vale, no seu trabalho, de toda a concepção ontológica, epistemológica e metodológica colocada à sua disposição pelas ciências objetivas; outro que se vincule à tradição do materialismo dialético, encontra nas condições históricas as explicações, por exemplo, para as condicionantes atuais da sociedade; um pesquisador social, por sua vez, tem à sua disposição os diferentes estudos e encaminhamentos construídos pelas ciências subjetivas.

Em qualquer uma das situações, percebe-se a conceituação ampla daquilo que se pode denominar de ciência, pois cada um desses caminhos reúne amplo conjunto de evidências acumuladas ao longo do tempo – isto é, uma teoria –, que se destinam a compreender e explicar as diferentes situações experimentadas pelo ser humano de acordo com cada visão específica, o que faz da diversidade científica a representação das situações que refletem a própria humanidade. A teoria não é estática, assim como o conhecimento; ela se recria constantemente pela permanente ação intelectual sobre a realidade empírica, verificada e questionada o tempo todo.

Quando se adentra em um campo mais específico, como a pesquisa educacional relacionada a políticas de gestão ou de ensino-aprendizagem, os encaminhamentos metodológicos passam a ser importantes, na medida em que orientam e direcionam os caminhos adequados para levar aos resultados esperados ou que venham a negar a ideia inicial do trabalho.

Dada a importância de conhecer com profundidade as metodologias que o pesquisador pode dispor no seu mister acadêmico e profissional, lhe são colocadas as diferentes maneiras de conduzir uma pesquisa, principalmente aquelas relacionadas aos projetos a serem desenvolvidas nos cursos de Mestrado ou Doutorado. Numa leitura analítica de alguns trabalhos acadêmicos de pesquisa já realizados, pode-se perceber que o tópico referente à metodologia é normalmente resumido, como se fosse apenas uma obrigação exigida pela formalidade dos cursos da qual o pesquisador quer se desvencilhar logo para adentrar nos aspectos práticos da pesquisa.

Ledo engano. Essa pressa pode ser justificável em trabalhos de pouca profundidade e de pequena extensão, naquelas situações em que a própria metodologia já está intimamente enraizada na mente do pesquisador, mas não para aqueles temas mais complexos, profundos, que exigem concepção prévia do que se pretende alcançar e, principalmente, se os meios a serem utilizados na pesquisa necessitam ser bem conduzidos, principalmente quando escassos, como ocorre com os trabalhos de Mestrado e Doutorado.

Assim, esse ensaio pretende discutir aspectos metodológicos de importância para o pesquisador social, principalmente no que se

refere à escolha do modelo de pesquisa que melhor se adapte à realidade educacional, analisar o modelo em termos de sua tradição epistemológica e do modo como está inserido nas pesquisas, indicar vantagens e desvantagens de sua utilização, bem como as suposições e orientações da ciência e verdade derivadas da escolha metodológica.

Este trabalho não pretende ser uma explicação totalizante do complexo arcabouço metodológico que cerca as ciências sociais, porque essas abarcam uma variedade de abordagens metodológicas, principalmente considerando-se que o ator central a se movimentar no cenário é a educação, responsável pela transformação do universo social altamente diferenciado e historicamente injusto.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DE ALGUMAS QUESTÕES RECORRENTES

Antes de aprofundar a discussão proposta, é importante dedicar alguns minutos preciosos do implacável tempo, que teima em avançar e mostrar a finitude humana, a uma pequena reflexão sobre questões que inquietam, por vezes, aqueles envolvidos nos projetos de pesquisa e na apresentação final dos trabalhos. Elas se referem especialmente ao emprego dos pronomes pessoais na redação dos documentos, sejam eles preliminares ou definitivos, exigidos nos editais ou por periódicos especializados para a publicação de documentos científicos.

Longe de ser um aspecto meramente formal da linguagem comunicativa e impessoal na forma de apresentar os trabalhos, entende-se que estão implícitos nessa exigência os requisitos

da ciência objetiva, que se entende capaz de explicar e provar o porquê dos fenômenos da natureza, e se acredita que esse tipo de ciência é a única forma de explicar o real, ir ao encontro da verdade e explicitá-la.

Popper (1991) advogava que além do mundo real dos fatos (objeto) e do mundo interior (sujeito) havia outro mundo, o mundo lógico das teorias que se comportavam segundo critérios propriamente racionais e objetivos, porque puramente lógicos. Esse pensamento positivista de Popper exemplifica o entendimento dessa tradição, que afasta da investigação científica nossas experiências subjetivas ou nossos sentimentos de convicção, por entender que eles jamais justificariam qualquer enunciado, ou apenas quando se tratasse de aspectos psicológicos e não lógicos, mas, nesse caso, tratados na pseudociência, jamais na ciência.

Esse pensamento caracterizava a chamada modernidade, que tinha a pretensão de explicar o mundo segundo critérios da razão, o que conflita com o pensamento pós-moderno de interpretar a realidade na pesquisa social.

Max Weber, no início do século XX, buscava uma aproximação das ciências do espírito com as ciências sociais por entender que as coisas ligadas ao ser humano necessitavam ser vistas de forma não determinística, e sim nos seus aspectos axiológicos, pois, dizia ele,

o homem é um animal suspenso numa teia de significados por ele mesmo estabelecida, tomo a cultura como sendo daqueles e, portanto, a análise dela não como uma ciência de lei experimental e sim como ciência interpretativa em busca do sentido (WEBER apud CHACON, 2001, p. 21).

Ao consolidar-se como uma via diferente para entender e explicar as mudanças ocorridas no mundo, as ciências sociais colocam-se como espaço alternativo e/ou independente de se fazer ciência, indo além da pesquisa objetiva e enfatizando a interpretação decorrente da dimensão subjetiva dos fenômenos sociais a serem estudados. Pode-se dizer que a pesquisa, nessa tradição, passa ser qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) a entendem como um conjunto de práticas interpretativas, naturalísticas, que tornam o mundo visível, no qual o conhecimento resultante é determinado não pelo caráter independente do mundo, mas por relações sociais, crenças e sistemas de valores que influenciam os dados obtidos pelo pesquisador e por ele são influenciados.

Por esse motivo, uma das discussões mais relevantes passou a ser a natureza da linguagem e, particularmente, a relação da linguagem com o mundo que ela alega descrever. Avanços da semiótica, da teoria literária e da teoria retórica desafiam a suposição essencial de que os relatos científicos possam representar objetivamente e com exatidão o mundo como ele é, pois somos produto de gerações anteriores, de uma cultura; logo, nossa visão não é a única. Com isso, pode-se presumir novas críticas aos fundamentos da metodologia quantitativa, pois “se não existe um meio de combinar corretamente a palavra no mundo, então perde-se a garantia da validade científica” (GERGEN; GERGEN, 2006, p. 368).

Visando a superar esses impasses na pesquisa qualitativa, os autores salientam que inovações como a reflexividade, o esquema de múltiplas vozes, a representação literária e a performance surgem na metodologia em

oposição às críticas de validade. A reflexividade consiste em justapor o eu ao texto com a finalidade de enriquecer o relato etnográfico (o investigador revela seu trabalho situado histórica, cultural e pessoalmente). Com o esquema de múltiplas vozes, procura-se remover a única voz da onisciência, relativizando-a por meio da inclusão de outras vozes no relatório de pesquisa. Na representação literária (estilo literário), as descrições do investigador podem assumir a forma de ficção, de poesia ou de invenção autobiográfica em substituição do discurso realista tradicional. Finalmente, a performance pretende fugir à objetividade e ao mesmo tempo sustentar a voz.

Pode-se perceber que a forma de apresentação do texto por meio da linguagem ou por outras formas de expressão estão vinculadas à tradição epistemológica a que se vinculam os pesquisadores. Para Taylor (2001), a tradição positivista e pós-positivista tem certo estilo de texto. Em muitos casos, os pesquisadores não se reconhecem como presença no processo de pesquisa e nem no texto. Obviamente, o estilo de escrita evita o uso da primeira pessoa (eu ou mim) ou palavras que indicam incerteza ou opinião (pode, talvez, parece). Já na pesquisa social, como a análise do discurso, é mais usual o escritor ‘aparecer’ no texto por meio do uso do ‘eu’, do ‘nós’ (não no sentido de equipe de pesquisadores ou para encobrir uma pessoa única).

Desse modo, abre-se a possibilidade de apresentação de textos com formas variadas de escrita e com ela a necessidade de revisão dos critérios para as publicações de trabalhos dos pesquisadores nas revistas científicas, bem como das exigências de redação dos

projetos de pesquisa, de modo que suas normas atuais se ajustam a essa nova realidade, em concordância com a tradição dos pesquisadores. Como se faz (fazemos) parte de um segmento crítico do pensamento social, não se pode ser mero reproduzidor de normas estabelecidas há algum tempo, que desconsideram a própria identidade do pesquisador e o contexto da pesquisa científica.

O MÉTODO NA METODOLOGIA

Um aspecto importante que se observa na leitura e análise de pesquisas já elaboradas está relacionado à descrição do método de pesquisa. Algumas delas se referem ao método corretamente e outras, no entanto, confundem método com abordagem metodológica ou mesmo com tradição de pesquisa, que são coisas diferentes.

Pode-se dizer que ao se realizar uma pesquisa em educação, o pesquisador não tem a necessidade de informar que se trata de uma pesquisa qualitativa, pois a educação está inserida no ambiente social em que somente a pesquisa qualitativa é capaz de compreender as qualidades presentes e os aspectos valorativos que a envolvem, e também porque a pesquisa qualitativa pode ser entendida como a própria tradição epistemológica das ciências sociais, como colocam Denzin e Lincoln (2006) ao conceituá-la.

A tradição construtivista

As ciências sociais representam diferentes realidades e pontos de vista de pesquisadores e, desse modo, podem ser entendidas por meio de diferentes paradigmas que caracterizam as

experiências acumuladas em cada segmento de pesquisa, notadamente os paradigmas positivista, pós-positivista e pós-modernos, como a teoria crítica e o construtivismo.

Com a utilização na pesquisa de pontos específicos de cada um desses modelos, pode-se dizer que hoje eles começam a se mesclar, como se um modelo estivesse fornecendo informações ao outro, no sentido do que o que está em jogo não é uma disputa intelectual, mas a finalidade da pesquisa nas ciências sociais, indicada por seu sentido axiológico e ético.

Por isso mesmo é que não há um paradigma único para todos os cientistas sociais. Não se deseja apenas uma evidência quantitativa. Por exemplo, os resultados do SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica, estritamente estatístico, quantitativo, indicam baixo percentual na capacidade de leitura dos alunos ao final da 4ª série. Deseja-se, na pesquisa educacional, entender a dimensão qualitativa, para compreender o que está acontecendo concretamente nas escolas, nas salas de aula e na mente dos alunos e docentes.

Nada contra os números. Um elevado percentual de alunos com pouca capacidade de leitura, por exemplo, não é apenas um dado quantitativo para o pesquisador social, mas, provavelmente, uma evidência reveladora da pouca importância atribuída à educação pelos formuladores das políticas educacionais e um indicador de injustiça social, portanto, um valor ético.

O paradigma construtivista, por representar a consolidação do processo evolutivo e pós-moderno nas ciências sociais, parece ser o mais adequado à pesquisa educacional, pois, segundo Lincoln e Guba (2006), sua

base ontológica deriva do relativismo, isto é, de realidades construídas em planos locais e específicos. Sua epistemologia é transacional, subjetivista e não presa a descobertas verdadeiras, mas a descobertas que surgem no processo relacional entre os participantes da pesquisa e, por isso, sua metodologia é dialética e hermenêutica.

Os fundamentos teóricos e filosóficos das tradições construtivistas tem como base as obras de Schultz, Weber, Mead, Heidegger, Gadamer, Geertz, Gergen, Lincoln, Guba, entre outros. Assim, os pesquisadores inseridos nesse paradigma voltam-se para a produção de interpretações reconstruídas do mundo social, comprometidos com o estudo do mundo a partir do ponto de vista do indivíduo em interação.

O construtivismo vincula a ação (papel do pesquisador no mundo) à práxis e baseia-se em argumentos antifundacionalistas em relação aos fundamentos de verdade e do conhecimento, ao mesmo tempo em que estimula textos de múltiplas vozes e experimentais. A validade interna do construtivismo está na fidedignidade e na autenticidade e valoriza o conhecimento transacional.

A tradição construtivista tem sua essência fundada na ética e na política. Por isso, o pesquisador deve ter sempre em mente algumas questões: como devo ser em relação às pessoas que estou estudando? As vejo como participantes ou apenas como fim da pesquisa? Os resultados da pesquisa beneficiarão a comunidade que participa e contribuirão para a conscientização política e social? Essas questões se devem ao fato de que hoje, segundo Lincoln e Guba (2006), vive-se um momento histórico marcado pela

multivocalidade, pela contestação dos significados, pelas controvérsias paradigmáticas e por novas formas textuais. Vive-se em uma era de emancipação,

emancipação daquilo que Hannah Arendt chama de 'a coercibilidade da Verdade', emancipação de apenas escutarmos as vozes da Europa, emancipação de gerações de silêncio (LINCOLN; GUBA, 2006, p. 190).

Conquista-se a liberdade de um regime único de verdade e da visão do mundo de uma única cor.

Os construtivistas não acreditam que os critérios para julgar a realidade ou a validade sejam absolutos, mas sim provenientes de um consenso da comunidade no que diz respeito ao que é real, ao que é útil e ao que tem sentido (em relação à ação e a outras etapas adicionais). Para Guba e Lincoln (2006), as suposições básicas do paradigma construtivista podem ser assim resumidas:

Crenças básicas:

- ontologia: relativismo – local e realidade especificamente construídas;
- epistemologia: transacional/subjetivista; descobertas criadas;
- metodologia: hermenêutica/investigação da ação, falsificação de hipóteses.

Posição do paradigma quanto às questões práticas:

- natureza do conhecimento: reconstruções individuais que se fundem em torno de um consenso;
- acúmulo de conhecimento: reconstruções mais informadas e sofisticadas; experiência compartilhada;

- validade ou critérios de qualidade: fidedignidade e autenticidade;
- ética: inclinação no processo intrínseco para a revelação;
- postura do investigador: participante apaixonado; um facilitador da reconstrução multivocal;
- treinamento: ressocialização; qualitativo e quantitativo; história; valores de altruísmo e de capacitação.

Questões críticas relacionadas ao tempo:

- acomodação e comensurabilidade: incomensurável com as formas positivistas; comensurabilidade parcial com as abordagens da teoria crítica e participativa, especialmente quando essas teorias se fundem em abordagens liberacionistas fora do Ocidente;
- ação: entrelaçamento com a validade; a investigação, muitas vezes, mostra-se incompleta sem ação por parte dos participantes; a formulação construtivista determina que seja feito um treinamento em ação política caso os participantes não entendam os sistemas políticos;
- controle: compartilhado entre o investigador e os participantes.
- relação com os fundamentos da verdade e do conhecimento: antifundacionista;
- ampliação das considerações sobre a validade;
- voz, reflexividade, representações textuais pós-modernas: mistura de vozes, em que as vozes dos participantes às vezes são dominantes; reflexividade séria e problemática; representação textual e ampliação das questões;
- axiologia: o saber transacional, proposicional, revela um valor instrumental como meio para a emancipação social, a qual, sendo por si mesma uma finalidade, possui um valor intrínseco.

Na pesquisa qualitativa, os valores são ponto de partida no processo de investigação em qualquer paradigma na escolha: do problema, do paradigma para orientar o problema, do esquema teórico, dos principais métodos de coleta e de análise de dados, do contexto, tratamento dos valores que já residem no contexto, bem como escolha da forma de apresentação das descobertas.

O guia de pesquisa como método

Definido o modelo construtivista como representativo da tradição de pesquisa nas ciências sociais e a hermenêutica como fundamento metodológico para compreender a realidade que se estuda, o método conforme proposto pela abordagem objetivista passa a ser apenas um instrumento ordenador da condução da pesquisa e facilitador do trabalho e não o caminho para se chegar à verdade. Esta, agora, é mediada pela realidade e dependente das relações e das descobertas entre os participantes da pesquisa.

O modo de como encaminhar a pesquisa e se chegar aos resultados pode ser por meio de uma única abordagem ou de múltiplas interações entre as tradições de pesquisa, necessárias para o completo entendimento das proposições da pesquisa. Tudo dependerá da relação entre o tempo disponível para a realização da investigação, dos recursos colocados à disposição do pesquisador e do interesse do utilizador da pesquisa. Pode-se, portanto, utilizar-se de um guia flexível de pesquisa, dirigido principalmente para os novos pesquisadores, mas, bem entendido, que se trata de uma contribuição da tradição positivista e pós-positivista.

Esse guia (método) pode ser dividido em alguns passos ou estágios. O primeiro decorre do aparecimento de um problema de interesse do pesquisador, que exige sua atenção particular; em seguida, realiza-se o estudo desse problema para descobrir quais de suas facetas são de real importância para a pesquisa e quais das diferentes linhas de enfrentar o problema têm maior utilidade e possibilidade de sucesso.

O terceiro passo consiste na obtenção de dados relacionados ao problema formulado, por meio do uso de técnicas e instrumentos de pesquisa; o outro, à análise, isto é, à avaliação crítica dos dados reunidos com a intenção de descobrir o significado do que foi obtido. Se o pesquisador dispuser de tempo e de recursos, pode empreender novas ações visando à obtenção de maiores dados para comprovar ou desmentir as hipóteses mais prováveis. O sexto e último momento consiste na seleção de uma ou mais hipóteses como mais verdadeiras/prováveis (ou das descobertas compartilhadas) e em sua formatação.

Com base nessa rotina estabelecida, que se pode denominar método, o pesquisador poderá empreender o seu trabalho de acordo com seu interesse específico. Mesmo as técnicas de obtenção de dados aparentemente simples de serem usadas na pesquisa qualitativa podem requerer o uso de estudos mais profundos dependendo da complexidade da pesquisa para obter sucesso, como a observação, a teoria do discurso os estudos de caso, por exemplo.

A observação como dados

A observação é um dos mais antigos métodos da pesquisa nos diferentes campos

da ação humana, nos seus aspectos político, econômico, social, militar, entre outros. Não se deve esquecer que Bacon havia proposto a observação como base da ciência. A evolução histórica fornece exemplos de como a observação foi utilizada para atender anseios de um dirigente em obter dados a respeito de um determinado povo ou Estado em situações críticas, de guerra e de paz.

A Bíblia, em Números 12.6-13, mostra um caso típico da necessidade de informações confiáveis para apoiar a difícil decisão a ser tomada por Moisés, que conduzia o povo de Israel pelo deserto, após ter saído do Egito, com o propósito de levá-lo à Terra Prometida.

Diz a Bíblia que o Senhor falou a Moisés: “envia homens que espiem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual príncipe entre eles”. E Moisés enviou, segundo o mandado do Senhor, doze homens que eram cabeças dos filhos de Israel, e disse-lhes:

Subi ao Neguebe e penetrai nas montanhas. Vede a terra, que tal é, e o povo que nela habita, se é forte ou fraco, se poucos ou muitos. E qual é a terra em que habita, se boa ou má; e que tais são as cidades em que habita, se em arraiais, se em fortalezas. Também qual é a terra, se fértil ou estéril, se nela há matas ou não. Tende ânimo e trazei do fruto da terra. Eram aqueles dias os dias das primeiras uvas. (Números 12.6-13).

Assim, subiram e, atendendo à determinação de Moisés, observaram a terra desde o deserto de Zimm até Reobe, na entrada de Hamate, e após quarenta dias retornaram com os relatos do que foi observado.

Na pesquisa social, a observação foi inicialmente empregada por antropologistas so-

ciais e etnologistas, que obtinham seus dados por meio da visão e de outras técnicas, como entrevista, pesquisa documental e estudos de caso. O foco da observação também pode se dirigir para objetos, produtos da ação humana ou também parte de ambientes físicos. Normalmente, a observação se apoia em recursos audiovisuais, que têm evoluído com as novas tecnologias, e vão desde os aparelhos tradicionais, micro aparelhos, até rede integrada de satélites e órgãos governamentais que controlam quase toda a vida humana.

Para Sarantakos (2005), a observação assemelha-se a um modelo geral de pesquisa, no qual os passos incluem elementos que são mais ou menos influenciados pela natureza da observação. Caso a observação seja complexa, pode haver a necessidade de treinamento do observador concentrado nas questões centrais do estudo para que ele, o observador, adquira profundo entendimento do sentido da pesquisa.

O discurso como dados

O crescimento da utilização da análise do discurso como prática válida para entender a realidade decorreu da chamada virada linguística, assim denominada por fazer uma crítica ao positivismo e à ciência tradicional, influenciada pelas ideias estruturalistas e pós-estruturalistas. Com isso, a análise do discurso, como uma crítica à ciência tradicional, delineou sua linha epistemológica com base no construtivismo, conforme referenciado anteriormente.

A análise do discurso decorre de diferentes enfoques nos estudos de texto, a partir de diferentes tradições teóricas e de variados tratamentos em diferentes disciplinas. Todas as

correntes rejeitam que a linguagem seja um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, mas entendem que o discurso é importante na construção da vida social. Na análise do discurso, há a preocupação com o discurso em si mesmo e não como um caminho para outra realidade, com uma visão da linguagem como construtiva e construída, com a ênfase no discurso como forma de ação (prática social) e na convicção da organização retórica do discurso.

No aspecto prático, segundo Taylor (2001), a análise do discurso é uma atividade que inclui o processo de transcrição dos dados que normalmente acompanham o relatório final e, em alguma medida, inclui também a descrição da forma de seleção e definição dos dados, aspectos esses que podem ser úteis para outros pesquisadores.

A base do processo de análise é utilizar algum tipo de classificação ou categorização para encontrar padrões. O termo codificação normalmente é usado para a pesquisa de dados dentro das categorias. Também existem empresas especializadas em fornecer programas de software e de processadores de texto que auxiliam na codificação e no encontro dos dados.

A principal diferença entre a análise do discurso e outros tipos de análise não é o processo inicial de análise, mas os conceitos envolvidos, ou seja, como a pesquisa está colocada teoricamente. Os conceitos analíticos são utilizados de acordo com a tradição teórica (positivista ou não), com os objetivos da pesquisa, etc.. A análise do discurso procura por padrões de linguagem em uso, construindo e referindo-se sobre os aspectos da linguagem, interação e sociedade e os relacionamentos entre eles.

A apresentação final da análise não é um registro do processo de obtenção dos dados, mas um sumário dos resultados selecionados e que são apresentados ao leitor como os mais importantes, ou seja, os padrões mais completos são selecionados e apresentados pelo pesquisador. A redação condensa uma grande quantidade de trabalhos. Porém, segundo Taylor (2001), é um erro comum, por parte dos pesquisadores, deixarem pouco tempo para análise comparada de dados ou para a tarefa preliminar da análise da transcrição.

O estudo de caso

A expressão estudo de caso, diferentemente do que possa parecer, pode representar o que a forma literal evidencia, ou encerrar um sentido muito maior e mais complexo. O estudo de caso pode ser um tema a ser pesquisado ou mesmo um método de pesquisa. Mas, em uma ou outra situação, deve estar em conformidade com o paradigma do pesquisador nas diferentes tradições da ciência.

Stake (2002), vinculado à tradição construtivista, entende o estudo de caso como uma das maneiras mais comuns de se pesquisar qualitativamente, mas os estudos de casos não são novos nem essencialmente qualitativos. Além disso, não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do que é estudado. A partir de qualquer método, pode-se estudar o caso: de forma analítica ou de forma holística; inteiramente, por medidas repetíveis, ou hermenêuticamente; orgânica ou culturalmente; e por métodos mistos.

Já Yin (2005) equipara o estudo de caso ao método pós-positivista, primeiro na tentativa de superar o estereótipo de que o estudo de

caso seja um método deficiente de pesquisa, conforme a opinião de muitos pesquisadores e, segundo, por sua experiência bem-sucedida de consultoria para agências governamentais americanas, nas quais o estudo de caso é empregado em larga escala, por imposições burocráticas.

No entanto, para elevar o estudo de caso ao patamar de método é necessário

desvencilhar o estudo de caso, como ferramenta de pesquisa, (a) do estudo de caso como ferramenta de ensino, (b) de etnografias e observação participante e (c) dos métodos qualitativos (YIN, 2005, xii).

Assim, ao tratar o estudo de caso como método de pesquisa, Yin dividiu cada passo do método tradicional em um tópico de seu livro: definição do problema, delineamento da pesquisa, coleta de dados, análise dos dados e composição e apresentação dos resultados.

As críticas ao estudo de caso

Nas críticas ao método (ou desvantagens), Stake (2002) é mais incisivo que Yin (2005). Para o primeiro, estudos de caso único ou múltiplos são representantes pobres de uma população de casos e questionáveis para a generalização. Além do que, mais de uma concepção teórica deve ser utilizada para analisar, confirmar, especificar ou contradizer todos os possíveis resultados do estudo de caso.

Para Yin (2005), muitos cientistas sociais acreditam que o estudo de caso serve apenas para estudos exploratórios preliminares e não podem ser utilizados para descrever ou testar proposições. Porém, esses argumentos podem ser refutados, pois estudo de caso

é mais do que isso, é uma metodologia de pesquisa. Outros cientistas acreditam que os estudos de caso fornecem pouca base para a generalização científica, pois como generalizar a partir de um caso único?

Em resposta, Yin (2005) entende que os estudos de caso visam a generalizações e a particularizações. Além disso, não se deve confundir o método de estudo de caso com um método específico (técnica) de coleta de dados, como a etnografia e a observação participante.

A verificação de coerência interna e externa no estudo de caso é uma forma de superar suas possíveis deficiências. Segundo Stake (2002), normalmente um pesquisador de caso não tem dúvidas sobre a clareza e validade de suas próprias comunicações. Mesmo que os significados não se transfiram inteiramente no espaço conceitual do leitor, não existe urgência para pesquisadores assegurarem que seus sentidos de situação, observação, comunicação e leitura permanecem no limite de correspondência, da informação. No entanto, para o autor, precisão é construída, pois pesquisadores não querem ser imprecisos, pegos sem confirmação. É necessário pensar na validade de descrições separadas, de interpretações, teorias, generalizações e avaliação de julgamento.

Para reduzir a probabilidade de erros de interpretação, de acordo com Stake (2002), os pesquisadores sociais usam vários procedimentos, geralmente chamados de triangulação. A triangulação tem sido geralmente considerada como um processo de uso de percepções múltiplas para esclarecer significados, verificar a repetibilidade de uma observação ou interpretação. Contudo, sabendo

que nenhuma observação ou interpretação é perfeitamente repetível, a triangulação serve também para esclarecer significados pela identificação de diferentes formas pelas quais o fenômeno é visto.

Para Yin (2005), durante a realização de estudos de caso não se deve utilizar fontes individuais de evidências, a menos que se disponha de uma única fonte. Um ponto importante na coleta de dados é utilizar fontes diferentes para a obtenção de evidências, o que consiste no fundamento lógico do processo de triangulação, pois

qualquer descoberta ou conclusão de um estudo de caso provavelmente será muito mais convincente e acurada se baseada em várias fontes distintas de informação, obedecendo a um estilo corroborativo de pesquisa (YIN, 2005, p. 126).

Yin cita estudos de Patton (1987), que apresentou quatro tipos de triangulação para realizar a avaliação da coerência interna de uma pesquisa: a de fontes de dados, a entre avaliadores (pesquisadores) diferentes; de perspectivas (da teoria) sobre o mesmo conjunto de dados; e a triangulação metodológica (de métodos).

Quando múltiplas fontes para a coleta de evidências, fica-se mais confortável para verificar a coerência externa, pois os pesquisadores publicam seus casos sabendo que eles serão comparados com outros e, por isso, normalmente descrevem os casos com detalhamento suficiente de modo que o leitor possa realizar comparações. A comparação permite prestar atenção em um ou mais atributos do estudo de caso. Indiferentemente ao tipo de estudo de caso (exploratório, descritivo ou explanatório), os leitores sempre

aprendem um pouco do controle ou referência dos casos escolhidos apenas por comparação. Quando existem casos múltiplos, pode ser útil compará-los. No entanto, se há um caso único, ainda é melhor que nenhum. Leitores com interesse no caso aprendem mais sobre ele observando a descrição dos fatos, não ignorando as comparações com outros casos semelhantes.

Os estudos de caso têm valor no refinamento teórico de uma pesquisa e sugerem encaminhamentos de pesquisas futuras. Eles podem também ter forte influência na formulação de políticas públicas em decorrência da experiência humana ao pesquisar determinado assunto, como foram os exemplos dos diferentes estudos de caso apresentados no livro de Yin (2005). O método que utiliza o estudo de caso é um método de disciplina pessoal e experiência particular para iniciar, conduzir e concluir a pesquisa.

Por fim, o propósito da publicação do estudo de caso não é representar o mundo, querer ser a verdade absoluta, mas representar o caso que foi estudado para a comunidade científica da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos e leituras direcionados para a compreensão da metodologia de pesquisa permitiram avaliar as diferentes discussões que envolvem o fazer ciência, desde os conceitos iniciais até a complexidade de fatores políticos, econômicos, ideológicos e sociais que interferem na sua realização, com repercussões diretas nos trabalhos de todo pesquisador.

Quando se afirma que o modelo construtivista hoje pode ser considerado como representativo

da tradição de pesquisa nas ciências sociais, é porque o pesquisador compreendeu que o conhecimento científico se constrói em conjunto com todos os participantes, por meio de discussões interativas em que todas as vozes são representadas, as descobertas surgem no processo relacional e, por isso, sua metodologia é dialética e hermenêutica. O método, conforme proposto pela abordagem objetivista, passa a ser apenas um instrumento ordenador da condução da pesquisa e facilitador do trabalho e não o caminho para se chegar à verdade, pois esta passa a ser mediada pela realidade e dependente das relações e das descobertas entre os participantes da pesquisa.

A obtenção de dados por meio da observação da análise do discurso ou de estudos de caso pode, por vezes, requerer envolvimento de pesquisa mais profundos. Na análise dos dados, para reduzir a probabilidade de erros de interpretação, usa-se a triangulação, considerada como um processo de uso de percepções múltiplas para esclarecer significados, verificar a repetibilidade de uma observação ou interpretação. A comparação com outros estudos também pode ser útil, por isso a necessidade de redigir os documentos de acordo com a tradição de pesquisa, menos formal na pesquisa qualitativa.

Por fim, as reflexões acerca da ciência permitem a formulação de algumas descobertas: nada contra os números, pois eles fornecem evidências que levam a interpretações importantes para as ciências sociais; as ciências exatas não têm mais ou menos verdades que as outras ciências; não há imparcialidade na pesquisa científica; a ciência é construída o tempo todo; o conhecimento estruturado pelo mundo muda em consequência de posições

dialéticas; a ciência é feita por seres humanos; logo, não é absoluta e está em constante evolução. Sendo assim, a ciência é um conceito múltiplo.

REFERÊNCIAS

CHACON, Vamired. **A construção da brasilidade**: Gilberto Freire e sua geração. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2001.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GERGEN, Mary M.; GERGEN, Kenneth J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.367-385.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.169-192.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1991.

PATTON. M. Q. **How to use qualitative methods in evaluation**. Califórnia: Sage, 1987.

SARANTAKOS, Sotirios. **Social research**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.

STAKE, Robert E. Cases Studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 2000. p. 435-454.

TAYLOR. Stephanie. **Discourse as data: a guide for analysis**. Londres: Sage, 2001.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

